



COMO E POR QUE SE DEVE LER: UM PANORAMA DOS DISCURSOS SOBRE A LEITURA MANIFESTOS EM VÍDEOS EM PROL DESSA PRÁTICA

Simone Garavello Varella¹

Resumo: No presente trabalho, depreendido a partir de algumas das constatações a que chegamos na nossa dissertação de Mestrado, objetivamos apresentar um panorama geral de representações de práticas de leitura contemporâneas veiculadas em campanhas em prol de sua promoção, e que circulam sob a forma de vídeos de curta duração disponíveis no site do *YouTube*. Apoiando-nos em princípios da Análise do Discurso de linha francesa, em especial, de considerações feitas por Michel Foucault acerca do conceito de enunciado, e da História Cultural da Leitura, tal como desenvolvida por Roger Chartier, em particular, no que se refere às noções de representação, prática e apropriação, nossa análise pautar-se-á na depreensão e descrição de um panorama geral dos discursos sobre a leitura que mais frequentemente emergem quando o objetivo é produzir textos com vistas a sua promoção.

Palavras-chave: Discursos sobre a Leitura; Campanhas de incentivo; Vídeos do *YouTube*.

Abstract: In the present study, we aimed to provide an overview of representations of contemporary reading practices in campaigns for its promotion, and circulating in the form of short videos available on the *YouTube* website. Relying on principles of discourse analysis of the French line, in particular by Michel Foucault's concept of utterance, and the Cultural History of Reading, as developed by Roger Chartier, particularly in regard to notions of representation, practice and ownership, our analysis will be guided in a general overview of the discourses about reading that most often emerge when the goal is to produce texts with a view to their promotion.

Keywords: Discourses on Reading; incentive campaigns; *YouTube* videos.

Nosso intuito neste artigo é apresentar um panorama geral de representações das práticas de leitura veiculadas nos vídeos de incentivo à leitura que circulam no *YouTube*. Tal panorama será depreendido por meio do *campo associado* (FOUCAULT, 2005) de relações semânticas que seus enunciados, verbal e imagético, estabelecem entre si, e por meio das quais é possível compreender o imaginário contemporâneo compartilhado acerca da leitura que sustenta essas campanhas audiovisuais de incentivo da mesma.

Na busca pelos vídeos que comporiam nosso *corpus* de análise (do qual apresentamos uma amostra neste artigo), pudemos constatar que, se há certas regularidades em sua produção

¹ Mestre em Linguística pela UFSCar. Esse trabalho contou com o apoio da CAPES.

e circulação quanto ao quê enunciam, que discursos sustentam essas campanhas, que valores e ideias reproduzem, o mesmo não ocorre em relação às estratégias de escrita empregadas na sua produção (escolhas lexicais, frasais ou imagéticas) bem como no tocante aos sujeitos e instituições que os promovem. Essas distinções, por sua vez, fez com que fosse necessário dividi-los em duas categorias, as quais denominamos Campanhas e Protocampanhas.

Assim, as Campanhas correspondem aos vídeos produzidos por instituições, em sua maioria ligadas ao universo dos livros tais como bibliotecas, editoras, instituições de ensino superior, ou outras instituições, como bancos, que compartilham valores similares em relação à leitura e se advogam a responsabilidade de promovê-la e/ou objetivam gozar do prestígio que a promoção desta atividade gera. Já os vídeos designados como Protocampanhas são aqueles produzidos por indivíduos, em sua maioria não especialistas, seja em resposta a uma demanda escolar (como requisito para obtenção de notas em uma disciplina) seja por iniciativa espontânea ou não declarada. O panorama aqui apresentado, contudo, não se pautará nessa categorização haja vista que nos interessa compreender o imaginário contemporâneo compartilhado acerca da leitura.

Logo de início é importante destacar que, embora sejam diversas as representações acerca da leitura presentes nesses vídeos, todas elas partem do pressuposto de que nos encontramos frente a uma crise no que se refere a esta prática e por este motivo faz-se necessário, orientar, convencer e doutrinar as pessoas acerca de sua importância. Lajolo e Zilberman (2009, p. 128), analisando campanhas de incentivo à leitura promovidas pelo PNLL (Programa Nacional do Livro e da Leitura), mas cujas considerações podem ser estendidas também ao nosso objeto de análise, afirmam que o imaginário comum é o de que “uma das causas de se ler pouco no Brasil é a circunstância de as pessoas ignorarem a importância que livros e leitura podem desempenhar em sua vida”. Poderíamos afirmar que para além dessa, outras causas são frequentemente ‘lembadas’ quando se trata dessa suposta crise de leitura que atravessa nosso país, como, por exemplo, a que aponta a falta de gosto ou hábito das pessoas em relação à leitura.

Porém quase nunca a indicação dessas causas procede de uma reflexão contundente sobre os reais motivos de tal insuficiência tais como as características socioeconômicas da população, a defasagem da escola pública, a dificuldade na democratização ao acesso, por exemplo, dos livros em suas diferentes formas, a ausência ou a precariedade nas formas de ensino e mediação da leitura. Magda Soares (1989, p. 5) analisando o “problema da educação das camadas populares no Brasil” afirma que as explicações para ele se sustentam em três

vertentes: na ideologia do dom, na ideologia da deficiência cultural e na ideologia das diferenças culturais. Em todas elas, a culpa do fracasso do ensino recai sobre a classe dominada. Segundo a pesquisadora:

os que propõem essa explicação para o fracasso escolar das classes dominadas não criticam a estrutura social responsável pela desigualdade social, pela existência de classes dominantes e dominadas; as diferenças entre grupos socioecononomicamente favorecidos e grupos socioecononomicamente desfavorecidos não são vistas como antagônicas, muito menos como o resultado de relações sociais injustamente assimétricas. (SOARES, 1989, p. 13)

Nesse sentido, podemos estender essa discussão para o problema da falta de leitura no Brasil, uma vez que nele, assim como ocorre com a educação, o outro é sempre visto como o lugar da falta, origem do dilema, não havendo uma análise das estruturas sociais e econômicas que alicerçam essa questão.

Desse modo, um discurso muito frequente ou o discurso mais frequente nessas campanhas audiovisuais é o que atesta a importância da leitura enquanto prática redentora e transformadora da realidade social, tal como o exemplo abaixo retirado do vídeo “Ler em 15 lições”².

Imagen 1 – Extraída do vídeo “Ler em 15 lições”



Fonte: YouTube

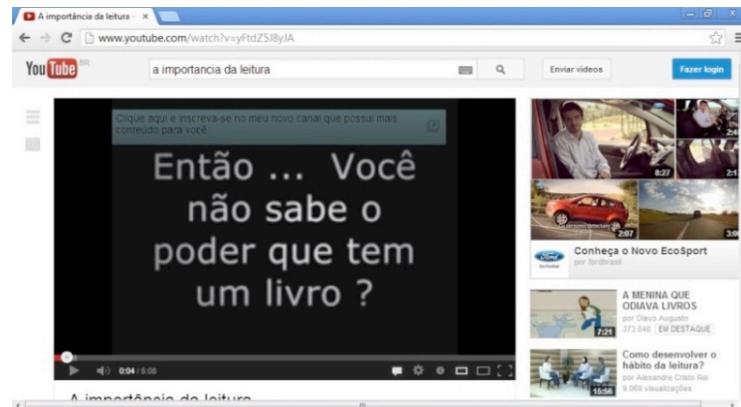
No interior dessa *Formação Discursiva* é possível aceder às suas demais representações, que visam, em certa medida, responder ao porquê ou quais benefícios ela propicia aos leitores e torna tão importante a leitura.

² Esse vídeo foi produzido por iniciativa individual (da qual não pudemos precisar a motivação, em função da falta de informação quanto a sua origem). Propõe-se a explicar em 15 lições, como a leitura ajuda nos estudos, além de apresentar uma série de gêneros e suportes nos quais é possível ler. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pMV115u0Mlk>



A primeira delas é a que apresenta (conforme se verifica nas imagens reproduzidas do vídeo “A importância da leitura”³) o objeto detentor desse poder transformador: o livro.

Imagen 2 – Extraída do vídeo “A importância da leitura”



Fonte: YouTube

Isso se deve ao fato de que quando se fala em leitura, tem-se no horizonte um modelo de leitura específico, a saber, aquela que se faz de livros impressos, que devem ser lidos frequentemente, adquiridos em grande quantidade e prioritariamente de gêneros ligados à literatura dita erudita ou “alta literatura”.

Imagen 3 – Extraída do vídeo “A importância da leitura”



Fonte: YouTube

³ Esse vídeo, também produzido por iniciativa individual (e não traz informações acerca da motivação de sua produção). Por ser muito ligado ao imaginário da leitura enquanto prática que permite aos leitores viajarem sem sair do lugar, visa a apresentar “os mundos” a que teoricamente se teria acesso por meio dos livros (especialmente ou exclusivamente os literários e sob sua forma impressa). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=yFtdZ5J8yJA>



Assim, na sequência é apresentada qual seria a “forma ideal” de se usar os livros, ou em outras palavras, qual tipo de leitura é considerada legítima para atestar a verdadeira prática de leitura.

Imagen 4 – Extraída do vídeo “A importância da leitura”



Fonte: *YouTube*

Segundo Márcia Abreu (2001a):

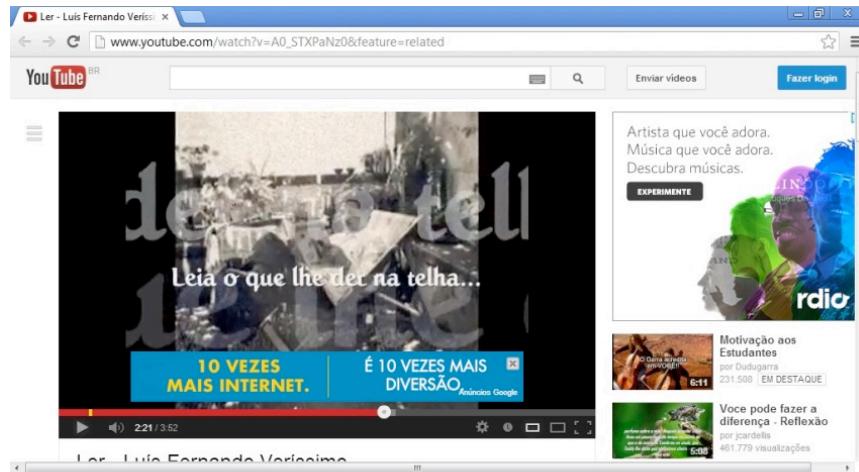
Dentre todas as obras disponíveis, temos especial predileção pela literatura, no interior da qual ocupa espaço importante a ficção em prosa. Sobretudo quando se trata de estudantes, julgamos essencial em sua formação a leitura dos clássicos universais e dos melhores autores nacionais.

A essas considerações, no entanto, é necessário que façamos uma ressalva: embora predominante, esta não é a única representação passível de ser apreendida no que tange a questão das indicações de tipos de leituras. Talvez fruto da necessidade desenfreada de se promover a leitura “a qualquer custo”, ou reflexo de uma mudança de paradigma que já não almeja dividir as leituras entre aceitáveis e inaceitáveis, mas sim garantir que as pessoas se conscientizem de sua importância, alguns dos vídeos analisados (ainda que em menor número) propõem que o importante é ler, não importa o quê. Essa representação pode ser verificada, por exemplo, no vídeo “Ler - Luis Fernando Veríssimo”⁴, como reproduzido abaixo.

⁴ Vídeo produzido para Trabalho de Conclusão de Curso e que se valeu, conforme o título sugere, de um texto do autor Luis Fernando Veríssimo. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=A0_STXPaNz0&feature=related



Imagen 5 – Extraída do vídeo “Ler – Luis Fernando Veríssimo”



Fonte: *YouTube*

Imagen 6 – Extraída do vídeo “Ler – Luis Fernando Veríssimo”



Fonte: *YouTube*

Ainda assim, a ideia de que podemos realizar as leituras que bem nos convierem e a nossa maneira é tributária de discursos contemporâneos que apregoam uma suposta liberdade dos sujeitos agora detentores do poder de escolha sobre quaisquer esferas de sua atividade⁵.

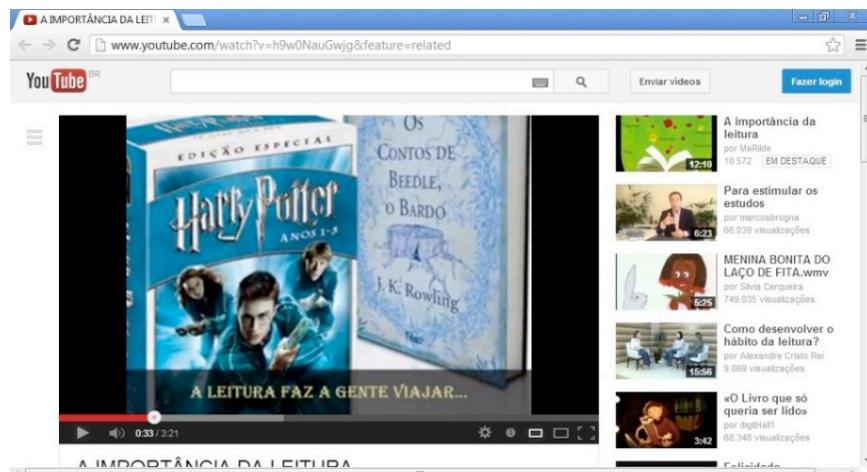
Com relação à leitura, um exemplo claro desse funcionamento discursivo se dá no âmbito escolar, onde comumente os professores são interpelados acerca da necessidade de oferecerem uma gama de possibilidades de leitura, dentre as quais os alunos elegerão as que condizem com suas vontades, esquecendo que os sujeitos são assujeitados e, assim sendo,

⁵Cf. Barzotto 2001b

suas leituras também o são. Desse modo, não leem como querem, mas como podem, uma vez que suas leituras estão inscritas numa determinada *formação discursiva*, que regula o que pode e deve ser dito acerca de um tema, bem como restringe as interpretações passíveis de serem realizadas. É importante ressaltar que suas ‘escolhas’ do que ler também são regidas por outras ordens, entre elas a do mercado, da disponibilidade dos objetos culturais, das formas de legitimação de certos textos e não outros.

Outra representação das práticas de leitura muito presente nesses vídeos é a de que ela permite aos leitores viajarem sem sair do lugar, representação esta muito ligada àquela que se faz da leitura de livros impressos e preferencialmente de literatura, de narrativas de ficção, uma vez que seria esta última quem, com suas histórias fantásticas, possibilitaria aos leitores adentrá-las de tal modo que têm a sensação de fazer parte dela e com isso, transportar-se a outras dimensões. Como exemplo, trazemos a imagem abaixo, retirada do vídeo “A IMPORTÂNCIA DA LEITURA”⁶.

Imagen 7 – Extraída do vídeo “A IMPORTÂNCIA DA LEITURA”



Fonte: YouTube

Aliada a essa, outra representação de leitura nos apresenta, a saber, aquela que se refere a esta prática em seu caráter hedonista. Com relação a ela, Barzotto e Britto (1998), empreendendo uma crítica a esses discursos, que eles preferem denominar como ‘mitos’, dirão que:

⁶ Produzido por iniciativa individual (e da qual não pudemos precisar a motivação da produção), sua construção se dá por meio da ilustração da música “Leitura” da apresentadora Xuxa Meneghel. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=h9w0NauGwjq&feature=related>



a leitura prazerosa vincula-se à possibilidade de o leitor criar um envolvimento emocional com a narrativa literária ou com o texto poético, seja pela fruição estética, seja pela imersão no universo ficcional. Tal imagem de leitura normalmente supõem ambiente de leitura favorecedor do desligamento do mundo real e forte investimento subjetivo. (BARZOTTO e BRITTO, 1998, mimeo)

Distanciando-se desta visada mais ligada à ficção, mas ainda tendo em vista o imaginário da leitura enquanto prática redentora e transformadora da realidade social, alguns vídeos ocupam-se de representá-la em sua possível “função social”, além de permitir que os leitores viajem e sintam prazer com a leitura. Assim, são vários os vídeos construídos de modo a elencar as vantagens propiciadas pela leitura, como seria esperado de vídeos cujo objetivo é promovê-la.

A primeira delas diz respeito a sua intrínseca relação com a escrita, muito embora essa relação não tenha sido considerada necessária em outros momentos históricos, já que, segundo Chartier (1998), estudando as práticas de escrita do Antigo Regime, saber ler não era necessariamente sinônimo de saber escrever, haja vista que muitas das mulheres, por exemplo, em especial no século XVIII e XIX na Europa, que se sabe hoje terem sido leitoras, mas que não haviam aprendido a sequer assinar o próprio nome.

Desse modo, são diversos os discursos que dão conta dessa relação relativamente recente entre leitura e escrita e que vão desde a facilitação que aquela propicia a esta última, passando pelo aumento do vocabulário até aqueles que a consideram forte instrumento no que diz respeito ao ensino da correção gramatical. É o caso, por exemplo, das imagens abaixo, extraídas respectivamente dos vídeos “Ler em 15 lições”⁷ e “o poder de transformação da leitura”⁸

⁷ Idem nota de rodapé número 1. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pMVI15u0Mlk>

⁸ Vídeo produzido por iniciativa individual (não fornece informações sobre a razão de sua produção) e é construído por meio de uma série de enunciados acerca, como o próprio título sugere, do poder transformador da leitura. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=JhzKkHGlnlo>



Imagen 8 – Extraída do vídeo “Ler em 15 lições”



Fonte: *YouTube*

Imagen 9 – Extraída do vídeo “o poder de transformação da leitura”



Fonte: *YouTube*

A leitura também é representada em alguns vídeos como prática que permite aos leitores tornarem-se mais criativos e imaginativos, comunicarem-se melhor, aprenderem mais facilmente, o que, consequentemente, ampliaria o seu conhecimento específico e geral. Acreditamos que, em decorrência disso, outro discurso recorrente é aquele que frequenta o imaginário contemporâneo de que a leitura torna as pessoas melhores e mais críticas, tal como verificado na imagem abaixo, extraída do vídeo “Ler em 15 lições”⁹.

⁹ Idem nota de rodapé número 1. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pMVI15u0Mlk>



Imagen 10 – Extraída do vídeo “Ler em 15 lições”



Fonte: *YouTube*

Em outras palavras:

uma das características mais marcantes da representação da leitura do senso comum é a idéia de que as pessoas, se verdadeiras leitoras, ficam melhores, libertas de um estado de alienação, o que possibilita seu engajamento, a partir da vontade despertada pela própria leitura, em movimentos de solidariedade ou de transformação da sociedade. (BARZOTTO e BRITTO, 1998, mimeo)

Ainda assim, alguns autores como Nunes (1999, p. 193) afirmam que “a importância ética da leitura está no seu valor de descoberta e de renovação para a nossa experiência intelectual e moral”. Isso porque, em contato com o livro (especificado, nesse caso, como o literário), essa “experiência de leitura, particular e momentânea, reverte[ria] a favor da experiência da vida, geral e cumulativa” (NUNES, 1999, p. 194).

Tendo em vista essa série de valores positivos associados à leitura bem como os prejuízos que podem ser causados à vida de quem não lê, em alguns vídeos, como aquele intitulado “Incentivo a Leitura”¹⁰, é possível apreender a indicação para que a leitura seja incentivada como um hábito a ser criado entre os leitores.

Imagen 11 – Extraída do vídeo “Incentivo a Leitura”

¹⁰ Produzido por alunos da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Camões, como requisito para a disciplina de Informática. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=nqcoZ7mHUAU>



Fonte: YouTube

Imagen 12 – Extraída do vídeo “Incentivo a Leitura”



Fonte: YouTube

Finalmente, é possível constatar uma representação de leitura pouco frequente nessas campanhas, mas que dada sua relevância merece ser citada. É ela: a leitura é um direito. Dissemos de sua relevância porque muito se diz sobre a leitura, contudo, poucas considerações são feitas no que toca a questão do poder fazê-lo independentemente do motivo pelo qual o leitor é levado a ler. Assim, ainda que pouco frequente essa representação aponta para uma possível tomada de consciência no que diz respeito à questão da leitura. Sua única ocorrência no *corpus* sinaliza a pouca formulação e circulação que possui na atualidade. Trata-se de um discurso sobre a leitura ainda muito pouco difundido e compreendido em suas consequências. Localiza-se ainda entre os intelectuais que refletem sobre o fenômeno e



circulam muito pouco se comparados às demais representações de leitura que figuram nos vídeos analisados.

Tentamos apresentar sucintamente o panorama geral das representações das práticas de leitura por meio da análise dos discursos que sustentam essas campanhas e que são veiculados sob a forma de enunciados verbais e não-verbais, em sua articulação. Como é possível constatar, os dizeres sobre a leitura têm história e memória, logo, suas representações, apesar de variadas, podem ser condensadas num número relativamente pequeno de ‘enunciáveis’ sobre a leitura, como destacam Barzotto e Brito (1998), que se referem a ela enquanto prática redentora e transformadora da realidade social e fonte de prazer e ilustração. Sem dúvida, é esse consenso quanto ao poder da leitura que se encontra na origem da necessidade de promovê-la e se reforça e perpetua nas suas formas de promoção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. **Diferentes formas de ler.** Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>>. Acesso em 09 ago. 2013. (2001a)
- BARZOTTO, V.H.; BRITTO, L. P. L. Promoção X Mitificação da Leitura. In: **Boletim informativo da ALB**, Campinas, n.3, Agosto de 1998
- CHARTIER, R. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- FOUCAULT, M. O enunciado e o arquivo. In: FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 87 – 133.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. Campanhas, instituições, eventos. In: LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. (orgs) **Das tábuas da lei à tela do computador:** a leitura em seus discursos. São Paulo: Ática, 2009.p. 123 – 136.
- NUNES, B. Ética e Leitura. In: BARZOTTO, V.H. (org.) **Estado de Leitura**. 2 ed. Campinas: Mercado de Letras, 1999. p. 193 - 205
- SOARES, M. Introdução. In: SOARES, M. **Linguagem e Escola:** Uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1989. p. 5-7
- _____. O fracasso da/na escola. In: SOARES, M. **Linguagem e Escola:** Uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1989. p. 8-17